



[www.observatoriogeogoias.com.br](http://www.observatoriogeogoias.com.br)

## ECOTURISMO NOS CERRADOS<sup>1</sup> GOIANOS: DO ENFRENTAMENTO DO DISCURSO AO DESAFIO DA PRÁTICA

CARVALHO, Gisélia Lima<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente texto se propõe a analisar a prática do ecoturismo nos cerrados do estado de Goiás. Tratado muitas vezes como sinônimo de turismo de aventura, outro semelhante praticado por um pequeno grupo elitista de profissionais liberais ou qualquer outra forma de turismo feito na natureza, o ecoturismo precisa ser compreendido em sua dimensão. Para tanto, como procedimento metodológico, busca-se, para ver o seu nível de comprometimento com o conceito oficial, fazer uma análise comparativa dessa prática, a partir dos seguintes recursos: a) pacotes ecoturísticos oferecidos por agências e operadoras goianas e alguns exemplos do programa regional *Tribo do Esporte*; b) conceito estabelecido pela EMBRATUR/IBAMA (1994) e alguns estudiosos do ecoturismo, incluindo pesquisas regionais. Para o desdobramento do texto, será feita a contextualização e a conceituação do ecoturismo, a sua relação com o marketing e uma abordagem sobre os desafios de sua prática em Goiás.

**Palavras-chave:** Ecoturismo; Cerrado goiano; Responsabilidade sócio-ambiental; Prática elitista.

### ABSTRACT

The aim of the present text is the analysis of the practice of ecotourism in the cerrado areas in the state of Goiás, Brazil. Generally considered as a synonym of adventure tourism (practiced by a small group of elitist liberal professionals) or any other kind of in-nature tourism, the ecotourism must be understood in its total dimension. Thus, as a methodological procedure, we intend to make a comparative study of such practice to check its level of commitment to the official concept based on the following sources: a-) ecotourism packages offered by travel agencies in Goiânia and some examples taken from a regional TV program called *Tribo do Esporte* (The Sport Tribe); b-) the concept established by Embratur/Ibama (1994) and by some studies of researchers of ecotourism, including regional studies. To develop the text, a contextualization and conceptualization of ecotourism will be made, as well as the presentation of its relation to the marketing and the challenges of its practice in Goiás.

---

<sup>1</sup> A opção pelo termo “cerrado” no seu plural, quer expressar a fuga da idéia de bioma como homogêneo, com características únicas.

<sup>2</sup> Graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG e Professora da Coordenação de Turismo e Hospitalidade Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás – CEFET/GO. E-Mails: glc@cefetgo.br; giselilageo@bol.com.br



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

**Key words:** ecotourism; cerrado in Goiás; social environmental responsibility; elitist practice

## 1. Introdução

A problemática posta para análise trata da prática do ecoturismo nos cerrados do estado de Goiás. Bastante propalada nos programas de tvs voltados para esportes radicais, essa modalidade tem sido tratada como sinônimo de turismo de aventura ou outro semelhante praticado por um pequeno grupo elitista de profissionais liberais com seus carros 4X4 apropriados para vencer as manobras desafiadoras impostas pela geomorfologia do Planalto Central.

Não pretendemos questionar a essência das viagens feitas na natureza em si. Mas o fato de as mesmas serem caracterizadas, sem nenhum rigor, como ecoturísticas. O debate então se dá pela reflexão do significado desse conceito, do que lhe está implícito como princípios, do modo pelo qual o mesmo está sendo empregado. Não haveria problema maior se o ecoturismo não implicasse em uma “viagem responsável” à natureza, demonstrando cuidados com a riqueza do bioma, com o que há de gente, de vida. Nesse sentido, há uma negligência completa com a dinâmica própria dos cerrados, coadunando turista, natureza e cultura pela artificialidade que não gera nenhuma troca. Assim, o nosso objetivo consiste em analisar a prática do ecoturismo nos cerrados goianos e o nível de comprometimento com o seu conceito oficial, debatendo as suas possíveis contradições. Para tanto, como procedimento metodológico, faremos uma análise comparativa dessa prática, a partir de pacotes ecoturísticos oferecidos por agências e operadoras goianas e de situações do programa regional *Tribo do Esporte* e, como forma de visualizar uma prática, buscaremos um aporte teórico do conceito estabelecido pela EMBRATUR/IBAMA (1994) e de alguns estudiosos do ecoturismo, incluindo estudos de casos de pesquisas regionais, para ver o sentido conceitual.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

## **2. O ecoturismo como alternativa para o turismo convencional**

O período entre 1950 e 1973, segundo Rejowski e Solha (2002) compreende às grandes transformações no turismo tornando-o uma atividade de massa. Para as autoras, esse momento foi facilitado por fatores políticos, econômicos, educacionais, culturais, sociológicos, trabalhistas, etc., tais como: a paz prolongada em zonas de estabilidade política; a consolidação da classe média com aumento do poder aquisitivo; o maior interesse em conhecer outros povos e civilizações; o desejo de evasão, descanso e recreação para ambientes próximos à natureza; os grandes avanços tecnológicos na comunicação e nos transportes; a aplicação das técnicas de marketing e o incremento da publicidade, aumentando a motivação para atividades de lazer e, dentre estas, o turismo (Op. Cit., p. 85-86). A partir de então, o turismo “tomou novos rumos, consolidou-se e expandiu-se, profissionalizando-se” (p. 85) e passou a ser defendido fora e dentro da academia como uma atividade econômica capaz de sustentar sociedades a partir da geração de receitas e empregos e por isso mereceria receber investimentos. Essa vertente pode ser compreendida como uma das quatro abordagens que Jafari atribuiu aos estudos do turismo pós 2ª Guerra Mundial sob o conceito de *Plataforma de Defesa*. A contestação a esta visão, eminentemente otimista do turismo, é que ela negligencia a implicância de outros fatores que são associados ao turismo, “seja em relação aos problemas sociais e ambientais gerados pelo empreendimento turístico, seja em relação aos problemas econômicos que traz para os países do Terceiro Mundo” (BANDUCCI Jr., 2002, p. 27).

No entanto, outras abordagens elaboraram outra compreensão para o fenômeno do turismo. As reflexões que contrapunham as anteriores foram chamadas por Jafari de *Plataforma de Advertência* porque denunciavam os problemas sociais advindos da prática do turismo, como “prostituição, dependência econômica, desestruturação de valores e práticas culturais e degradação de ambientes naturais” (Op. Cit.). Era uma nova compreensão para o turismo que veio refutar



[www.observatoriogeogoiás.com.br](http://www.observatoriogeogoiás.com.br)

todo o alvoroço trazido pelo turismo massivo, mas pecou por não reconhecer as boas qualidades do turismo. Algo, por sinal, admitido por outros grupos que entendiam o turismo como uma mistura das duas plataformas. Inseridos na *Plataforma de Adaptação*, os trabalhos nessa vertente, “apontam para formas alternativas de turismo que podem ter impacto menor que o turismo de massa” (p. 29). Nessa linha, o maior representante é o ecoturismo, além de outras formas alternativas de turismo como turismo rural, agroturismo, cultural, etc., que resultam em menor impacto ambiental e maior retorno econômico para os envolvidos, incluindo as comunidades locais. Além dessas correntes, está a *Plataforma do Conhecimento* que, segundo Banducci Jr. (p. 30) procura romper com a visão maniqueísta presente nos primeiros debates do turismo, inserindo-o em uma perspectiva mais holística, estimulando a interação com todos os campos do turismo, muito embora seja reflexo, sobretudo, da produção acadêmica que necessitaria estabelecer maior relação com a prática.

As *Plataformas de Advertência* e de *Adaptação* podem ser situadas a partir de 1970 e, por isso, são contemporâneas da emergência de uma nova preocupação ambiental e têm como alvo o crescimento desenfreado do turismo e muitas vezes pouco responsável com o meio ambiente como um todo. Segundo Rejowski e Solha (2002, p. 96), este momento foi de assumir “progressivamente uma postura mais crítica e preocupada com a ‘experiência turística’ sob a ótica de todos os agentes e atores que comandavam o processo”. Desse modo, o turismo passou a ser visto não só sob o ponto de vista do empresário e do turista, mas também do morador do núcleo receptor, assim como um direito para qualquer cidadão. Tudo isso derivado de um movimento ambientalista iniciado na década de 1970 que, conforme Cascino (2002, p. 194), fundou-se “na necessidade erótica de manter aceso do desejo de viver - a busca pelo belo” e da vontade de “consolidar a sobrevivência do homem e das suas futuras gerações: tema vital e inadiável”. Ou



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

de outra forma, muda-se a concepção da relação homem-natureza que está amplamente discutida em diversos níveis, tais como:

No nível econômico, assume aspecto de problema sobre os limites das reservas e capacidades terrestres; no nível social, cresce o inconformismo sobre a inexistência de mínimas condições de vida nas grandes áreas urbanas; no nível cultural, ela se apresenta na busca de um novo equilíbrio entre a dimensão social e a biológica/humana; no nível científico, enfim, se manifesta na crise do reducionismo mecanicista próprio da ciência clássica. Aspectos diversos da mesma crise, de onde, talvez, sairá uma nova forma de civilização e, portanto, uma nova determinação da relação homem-natureza e uma nova ciência (RUSSO, 1987, p. 27, *apud* CASCINO, 2002, p. 194-195).

O cenário para o nascimento do turismo sustentável, mais durável, estava consolidado, da mesma forma que para o Ecoturismo<sup>3</sup> como uma ferramenta de alcance dessa prerrogativa, em rechaço ao turismo massificado, convencional.

### **3. Natureza e intenções do ecoturismo**

O ecoturismo, reflexo daquele contexto é, como ressalta Wearing & Neil (2001, p. 1-2), além de uma forma de “turismo alternativo<sup>4</sup>” que se contrapõe ao turismo de massa, “uma particular orientação filosófica voltada para a natureza”, com público motivado por fatores específicos, entre os quais, uma coerência com os “valores natural, social e comunitário que permitem que tanto hospedeiros quanto hóspedes desfrutem uma interação positiva e conveniente, e compartilhem experiências” (p. 4), além de outros aspectos ligados ao turismo responsável.

---

<sup>3</sup> O termo Ecoturismo apareceu pela primeira vez em 1984 e foi conceituado, tal como conhecemos hoje, em 1987 por Ceballos-Lascurain em um documento intitulado *O futuro do Ecoturismo*.

<sup>4</sup> Os exemplos de turismo alternativo são muitos, haja vista que eles são caracterizados, sobretudo, por se oporem ao turismo convencional, de massa. Assim, segundo Wearing & Neil (2001), podemos citar as seguintes modalidades de turismo: Cultural, Educacional, Científico, Aventura, Agroturismo e Turismo Rural. Todas estas, dependendo da situação, podem ser consideradas Ecoturismo.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

A despeito das semelhanças guardadas entre as formas de turismo alternativo, deve-se levar em conta que os mesmos não podem ser confundidos com o ecoturismo em razão da sua natureza e dos princípios que o configuram. Nessa perspectiva, é possível estabelecer alguns parâmetros de diferenciação que incluem as preocupações com a “degradação ambiental, o impacto sobre as comunidades locais e a necessidade de um gerenciamento turístico de alta qualidade para garantir a sustentabilidade” (p. 7). Tomando por base as orientações dos princípios básicos do ecoturismo (Op. Cit., p.13), é importante destacar que todas as preocupações que cercam esse tipo de turismo pretendem estimular a compreensão dos impactos do turismo; assegurar uma distribuição justa dos benefícios; gerar emprego local; estimular a produção material e imaterial das comunidades locais envolvendo-as no processo turístico e fomentando a diversificação da economia; incentivar a melhoria dos elementos da infra-estrutura local; demonstrar a importância dos recursos naturais e culturais para o bem-estar econômico e social das comunidades, além de monitorar e avaliar os impactos do turismo, desenvolvendo métodos confiáveis de contabilidade ambiental.

Diante desse emaranhado de intenções e, podemos realçar através do conhecido conceito da Embratur - que o caracteriza como “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (MICT/MMA, 1994, *apud* DIAS, 2003, p. 123), resta-nos saber se o ecoturismo está acontecendo de fato no Brasil e no estado de Goiás ou se não passa de uma estratégia de marketing eficiente para ampliar o mercado de consumidores de produtos turísticos. E se assim o for, é sinal de que ele está sendo o que Boullón (2002, p. 47) chamou de “uma oportunidade não aproveitada”.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

#### **4. Ecoturismo como alternativa para um bom marketing do turismo?**

Tendo em vista que o mercado de consumo do turismo está cada vez “mais verde”, o número de operadoras em ecoturismo ou outro tipo de turismo voltado para o uso de áreas verdes aumenta cada dia a mais. Soma-se a isso o debate sobre ambientalismo estimulado pelos meios de comunicação, pelas escolas e universidades, por ONGs e etc. E, se o assunto é interessante, é também, muitas vezes, oportuno e interesseiro, além de desvirtuado dos princípios básicos e dos elementos socioespaciais que engendram o conceito de ecoturismo. Nesse sentido, é exequível estabelecer um debate para tal problema a partir do questionamento proposto por Wearing & Nei (2000): “será o ecoturismo uma prática de marketing da indústria de turismo que, com eficiência, ‘embala a natureza’ para indivíduos urbanos abastados, convidando-os a “viver” em um mundo romântico, perdido para nós, os modernos?” (2000, p. xv). E parece que é assim que ele tem se configurado, já que nos últimos anos,

... tornou-se uma palavra mágica do marketing. Foi usada para vender uma infinidade de produtos, mesmo que a etiqueta ‘eco’ não fosse uma indicação real da qualidade do produto em oferta. Houve um aumento substancial da quantidade de produtos explorando esse filão, com inúmeras referências a ‘ecoexcursão’, ‘ecosafári’ e ‘ecoviagem’ (p. 181).

Trazendo a análise para o Brasil, Rocha (2004) assegura que na prática das atividades ditas ecoturísticas há um distanciamento por parte de planejadores e também dos ‘ecoturistas’ em relação ao que seja de fato a atividade. Ou seja, há uma negligência na relação que se estabelece entre o observador e o ambiente. Isso porque os planejadores e promotores do ecoturismo só destacam uma face do ecoturismo na medida em que

... apregoam aos turistas características paradisíacas sobre os destinos, destacando a tranquilidade e o contato com a natureza, resgatando muitas idéias do romantismo relacionadas ao prazer



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

do retorno e das coisas naturais, sem preocupar-se, no entanto, com o processo de construção que levou a formação das paisagens, com suas marcas e reflexos culturais, apoiando-se apenas em uma plataforma natural que vai ser fator essencial de sucesso ou fracasso dos lugares turísticos (p. 6).

Na perspectiva apontada por Silva (1997) sobre a análise do “discurso ecológico”, esse impasse deveria ter conotação política e nem sempre o tem. Na abordagem da autora, é possível apreender duas vertentes da categoria chamada *ecologia*: uma é o apelo para a “representação mística, religiosa” que tem como expressão os “santuários ecológicos” e os “paraísos naturais” contidos nos pacotes de turismo. A outra, tende para uma “utilização comercial, econômica” desses santuários ecológicos, desses paraísos naturais. Tendência, por sinal, muito bem representada pelo ecoturismo no Brasil e também nos cerrados. O fato é que em ambas as tendências, estamos, de um lado, “negando ao político o seu poder de intervenção no real” (p. 143) e de outro, ao associá-lo ao discurso comercial, do marketing, estamos deslegitimando o discurso ecológico. Sobre estes aspectos faremos algumas ponderações para o caso do estado de Goiás a seguir.

## **5. Do enfrentamento do discurso ao desafio da prática do ecoturismo nos cerrados goianos**

No *8º Centro-Oeste Tur*, ocorrido em março deste ano, em Goiânia, foi apresentada uma “campanha maciça para solidificar cada vez mais o Estado de Goiás como destino ecoturístico e como de turismo de aventura” do Brasil (BRASILTURISJORNAL, 2005). A proposta vem realçar o que algumas agências de viagens e operadoras<sup>5</sup> nacionais e regionais têm feito com os destinos ecoturísticos goianos. Para avaliar o caráter destes, que usam os cerrados

---

<sup>5</sup> Segundo Carvalho (2002) a *Agências de Viagem* é o local onde se podem comprar pacotes e excursões para o Brasil e exterior, reservar passagens aéreas, hotéis, passeios e alugar carros, enquanto a *Operadora* é a agência que planeja, organiza, promove e vende pacotes turísticos, além de manter uma atividade comercial que atua junto a transportadoras, redes hoteleiras e serviços.





[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

goianos como suporte prático, utilizamos os *sites* das 3 principais agências e/ou operadoras de ecoturismo do Estado de Goiás: *Drena Ecoturismo & Aventura* (Pirenópolis), *Walker Passeios e Trilhas* (Goiânia), *Alternativas Ecoturismo* (Alto Paraíso de Goiás). Todas com tratamento voltado para os municípios como maior potencial ecoturístico regional: Pirenópolis (Parque Estadual dos Pireneus), São Domingos (Parque Estadual de Terra Ronca) e Alto Paraíso (Parque Nacional Chapada dos Veadeiros), além de outros como: o Parque Nacional das Emas, Caiapônia, Serranópolis, etc.

Quanto ao conteúdo dos *sites* das agências e operadoras, há uma importante consideração a fazer. Todas as empresas se dedicam a um trabalho mais alternativo. No caso, específico da *Drena Ecoturismo & Aventura*, consta que ela desenvolve “atividades educacionais e científicas” a partir da operação de ecoturismo, turismo de aventura, histórico cultural e científico na região. Demonstra-se haver uma compreensão das potencialidades que Pirenópolis tem para o ecoturismo e por saber disso, procura perpetuar as características desse destino “a partir de roteiros e atividades que colocam em prática os verdadeiros conceitos de ecoturismo, isto é, responsabilidade ambiental, cultural, social, econômica e política” (DRENA ECOTURISMO & AVENTURA, 2005). Demonstrando uma intimidade com o “manual do ecoturismo, a empresa destaca: para contribuir com a

sustentabilidade na região da Serra dos Pireneus, estudamos e praticamos técnicas de mínimo impacto ambiental; incentivamos a visita a Unidades de Conservação e a propriedades rurais comprometidas com a sustentabilidade; trabalhamos com grupos pequenos, sempre acompanhados por guias; empregamos mão-de-obra local; incentivamos a continuação de atividades tradicionais como forma de preservação da cultura e disseminação do sentimento de orgulho; empreendemos ativismo político em torno do turismo responsável; incentivamos atitudes responsáveis por parte dos visitantes; mas, sobretudo, enfatizamos a utilização de técnicas de educação e interpretação ambiental, a sensibilização das gerações presentes e futuras sobre a



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

necessidade premente de harmonizar nosso relacionamento com a natureza de que somos parte integrante e fundamental (Op. Cit.).

De forma não muito diferente está a *Walker Roteiros e Trilhas*, operando regional e nacionalmente, caracteriza-se como sendo uma “referência no mercado de Ecoturismo no Estado de Goiás, proporcionando um ótimo atendimento além de qualidade e segurança nos serviços prestados.

A *Alternativa Ecoturismo*, formada por guias locais da Chapada dos Veadeiros que atuam no mercado há mais de 10 anos, diz se sobressair por oferecer um atendimento diferenciado destacando a paixão e carinho com que recebem os clientes. E, novamente, aqui se nota um entendimento do que vem a ser ecoturismo, haja vista que seus roteiros de turismo aventura, segundo eles, “caminham lado a lado com ecoturismo, diferenciando-se pela necessidade de uma infra-estrutura maior como, equipamentos, logística, transportes específicos e guias especializados na área” (ALTERNATIVAS ECOTURISMO, 2005).

O que se nota é que todas as empresas demonstram um bom discernimento entre o ecoturismo e outras atividades ligadas à natureza. Talvez por cumprir um item do seu próprio marketing ou talvez pela dimensão da oportunidade de fazer parte desse debate. Para desvelar um pouco mais dessas realidades e avaliar o reflexo do trabalho das agências, podemos citar casos mais práticos, a partir de duas pesquisas de mestrado e de observações de campo em duas realidades nas quais as empresas atuam.

Há uma necessidade premente de verificar se o discurso das empresas, em relação ao ecoturismo, está tendo implicância no real e se há um comprometimento com os seus princípios. Uma questão pertinente é identificar se parte dos lucros da atividade está sendo repassada para as comunidades locais e para a garantia da sustentabilidade como um todo nessas localidades. Será que a atividade está servindo como uma ferramenta de educação ambiental e de possíveis encontros da população local com os turistas? Em São Jorge, durante



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

uma visita, ao falar para um público de estudantes do curso de turismo e também ‘turistas’, um ex garimpeiro e atual condutor de visitantes, disse: “*vocês são a nossa roça hoje!*” expressando que o turismo, assim como a roça, consegue dar-lhe uma subsistência. Por outro viés, podemos também apreender que, assim como a roça, o turismo rende-lhe muito pouco, significando que os lucros não são plenamente divididos.

Quanto ao intercâmbio que o ecoturismo pode fazer entre o turista, o morador e a paisagem, Silva (2003, p. 161) atesta que a relação é “passageira, fugaz e superficial” inibindo trocas. Ou seja, “o turista descobre o lugar, mas não estabelece uma relação com ele e com quem nele vive, ao contrário, ele muda o lugar mediador da vida e pleno de valor e aconchego para os ‘de dentro’” (p. 161-162). Não obstante reconhecer o “bom turista”, que é o amante da natureza (o ecoturista), os entrevistados não se esquivam ao falar do outro perfil que inclui a “garotada” que sempre afeta a dinâmica do lugar, que grita, que fuma maconha, que dorme nas ruas, etc. No entanto, a autora, confirmando nossa hipótese, afirma que, em ambos os perfis, a não ser em raras exceções, os turistas parecem manter “apenas uma relação comercial com a população local”. Ou seja, “para o visitante, a Vila é um atrativo rústico que deve ser mantido, porque difere do seu dia-a-dia. O morador é o outro, aquele que é diferente, gentil e agradável, mas apenas como hospedeiro, o guia, o dono do restaurante” (Op. Cit., p. 164). A relação não se caracteriza como amistosa, já que esses sujeitos passam o dia fazendo ecoturismo e turismo de aventura e durante a noite “aparecem pela praça, bares e/ou restaurantes do povoado ao cair a noite, bebem, dançam, andam pelas ruas e conversam entre si, mas poucos abrem espaço para o relacionamento com os ‘de dentro’”(p.164).

Em outro importante destino ecoturístico - Pirenópolis, outra pesquisa também desvenda situações muito próximas a essa de São Jorge. Lá também a população frisa os dois tipos de turista: o primeiro, sob várias denominações - “farofoeiro”,



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

“baderneiro” e o “51 e pão com salame”- é o turista despreocupado com questões essenciais; o segundo, “é o educado, que respeita os moradores, se hospeda nos hotéis e pousadas” (BATISTA, 2002, p. 98-99), além do fato de se mostrar preocupado com questões ambientais e sócio-culturais da localidade. Porém, sem distinguir esse público, há relatos de moradores sobre a ameaça do turismo em relação à identidade do pirenopolino:

*... você olha para dentro dos carros e não sabe quem são, não conhece ninguém; sendo que antes tudo que acontecia aqui todo mundo sabia, tanto que tinha até aquele dizer: gente de meia cara e de língua inteira ou Meia Ponte, meia gente, meia cara, língua inteira. Todo mundo sabia da vida do outro, aqui era uma aldeia. Agora não, acontecem as coisas e a gente fica sabendo pelo jornal e televisão (morador local, professora aposentada, p. 106-107, In: BATISTA, 2002).*

Repetidamente, em Pirenópolis, aquela boa relação pretensamente existente entre “os dentro” e os “de fora”, tão pregada pelo ecoturismo, se configura pelo “efemeridade, pelo transitório, as pessoas não criam vínculos, não se conhecem” (p. 107). Em uma visita a Pirenópolis, um guia local fez crítica a existência de um *Resort* na cidade. Para ele, esse meio de hospedagem contribuía para aumentar a distância entre o morador local e o turista, além do fato de monopolizar a renda trazida pelo turista ao “prendê-lo” em suas instalações, fato que soma as situações acima.

Nessa análise, é possível perceber que da forma como esse tipo de turismo está sendo feito, muitas vezes sob a alcunha de ecoturismo, aqui nos cerrados, não está resguardada toda a preocupação com seus princípios ainda que as operadoras tenham em seus *sites* a consciência de uma prática responsável, estando “anteados” no discurso. O que equivale dizer que, na prática, a teoria é outra.

Para evidenciar ainda mais essa distorção entre discurso e realidade, podemos citar outros exemplos de práticas bastante propaladas nos programas de tvs



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

voltados para esportes radicais que são denominados de ecoturísticas. Essa modalidade tem sido tratada como sinônimo de turismo de aventura ou outro semelhante praticado por um pequeno grupo elitista de profissionais liberais com seus carros 4X4 apropriados para vencer as manobras desafiadoras impostas pela geomorfologia dos cerrados do Planalto Central. Nesse caso específico é que não há preocupação com o que prega o conceito. Pelo contrário. O que fica dessa experiência é a quebra da rotina pela invasão de privacidade pela intrusão dos turistas, às vezes pelo barulho de seus motores e pela poeira, ou em outro nível de conseqüência, pela exposição da desigualdade de renda, pelo confisco dos lucros por exógenos, pela inflação da economia local, pelo confronto identitário, etc. Nenhum turista pára para conhecer o modo de vida de nenhum agricultor, do morador que assiste inerte, mas desconfiado, a poeira assentar e o barulho sumir. Essa despreocupação com a rotina dos moradores locais em nada pode ser equiparada ao ecoturismo, sobretudo se formos considerar as diretrizes de Horwich (2001, p. 281) para o ecoturismo que ressalta que “as necessidades dos turistas devem se tornar secundárias em relação à preservação de áreas naturais e suas riquezas, incluindo o próprio pessoal local”. Se sua prática não for assim, esvai-se o conceito, banalizando-o, tornando o que era para ser diferente do turismo massificado, uma prática depredadora e negligente como qualquer outra atividade mercadológica dentro do modelo de consumo capitalista que se aplica também ao turismo com, o que é pior, vestimentas de conservacionista. Aliás, é desse modo que Matteucci (2003, p. 33) define a prática do ecoturismo em Goiás: como sendo

... uma estratégia de utilização de espaços naturais preservados, cuja tendência é perpetuar desigualdades sociais, pois diferentes interesses separam as elites que estão habilitadas a promovê-lo e praticá-lo dos agricultores, trabalhadores rurais e populações tradicionais que se relacionam com as áreas onde é praticado.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

Essas práticas de turismo ligadas à natureza e, por vezes, chamadas de ecoturísticas, fazem parte, cada vez mais, das sociedades ditas pós-industriais que trazem como incentivo ao paradigma ecológico, o desejo de evasão, de liberdade das tensões do cotidiano estressante das grandes cidades, além do caráter altamente individualista próprio dessa sociedade. Refutando essa impressão, diversos autores como Cascino (2000); Cebbalos-Lascuráin (2001); Western (2001); Wearing & Neil (2001) e etc., demonstram que o verdadeiro conceito de ecoturismo nega toda e qualquer prática de turismo elitista feito na natureza que não se preocupa com os problemas gerados para o meio ambiente, entendidos como resultados da junção entre natureza, cultura e sociedade. Na leitura de Western (2001), essa prática de turismo que negligencia esses elementos e se diz ecoturística, é mais prejudicial que qualquer outra forma de turismo massificado, tradicional tendo em vista o que seu conceito implica. Ele “é mais que uma pequena elite de amantes da natureza. É, na verdade um amálgama de interesses que emergem de preocupações de ordem ambiental, econômica e social” (p.16). Está muito além do preservacionismo puritano; implica uma preocupação como o que *eu estou fazendo* como as culturas, com o cotidiano do povo da região visitada, e tem a ver com responsabilidade social e ambiental.

## **6. Considerações Finais**

Em uma reflexão conclusiva, podemos afirmar que pouco há de ecoturismo em Goiás. O muito que há, de turismo em relação à valorização do cerrado, é a busca interessada pelo o que ainda há de natureza protegida, com os animais e vegetação típicas, com ambientes e vilas tradicionais à espera de serem fotografados, vistos, levados como uma prova de que o visitante esteve lá,



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

naquele lugar às vezes inóspito, com todo o seu maquinário de custos elevadíssimos que desvelam seu alto poder aquisitivo. Por ser o “ecoturismo um fenômeno complexo e multidisciplinar” (CEBALLOS-LASCURÁIN, 2001, p. 27), é preciso compreendê-lo em sua dimensão. Ele não pode corroborar com atividades que sejam prejudiciais à natureza e ignorante com as culturas, correndo o risco de esvaecer o ímpeto da mudança positiva que só pode ser gerada pela união entre o desenvolvimento econômico, conservação de áreas naturais e da cultura, gerando ganhos descentralizados e, por conseguinte, desenvolvimento como um todo para a comunidade local. Por este desenvolvimento, “entenda-se conferir poderes aos grupos locais para controlar e gerenciar reservas valiosas, por meio de mecanismos que não só sustentem as reservas, mas que também satisfaçam as necessidades econômicas, sociais e culturais do grupo” (HORWICH, 2001, p. 260).

Diante do referencial enriquecedor intrínseco ao ecoturismo, urge uma mudança nas práticas elitistas, falaciosas e promotoras de relações fugazes. Talvez esse seja o grande desafio para a prática dessa modalidade de turismo não só em Goiás, mas também no Brasil.

## 7. Referências Bibliográficas

BANDUCCI JR., Álvaro. Turismo e antropologia no Brasil: um estudo preliminar. In: BANDUCCI JR., Álvaro & BARRETO, Margarida. *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. São Paulo: Papirus, 2001.

BATISTA, Ondimar. *Visões de pirenópolis: o lugar e os moradores face ao turismo*. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) UFG, Goiânia, Goiás.

BOULLÓN, Roberto. Ecoturismo: intenciones e acciones. In: RODRIGUES, Adyr . (Org.). *Turismo e Ambiente: reflexões e propostas*. São Paulo: Hucitec, 2002.

CARVALHO, Paulo Jorge. *Condução de Grupos no turismo*. São Paulo: Chronos, 2003.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

CASCINO, Fábio. Pensando na relação entre Educação Ambiental e Ecoturismo. In: SERRANO, Célia. et. al. (Orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. São Paulo: Papirus, 2000.

CEBALLOS-LASCURÁIN, Héctor. O ecoturismo como um fenômeno mundial. In: LINDBERG, Kreg. et. al. (Orgs.). *Ecoturismo: um guia para o planejamento e gestão*. São Paulo: SENAC, 2001.

DIAS, Reinaldo. *Turismo Sustentável e Meio Ambiente*. São Paulo: Atlas, 2003.

HORWICH, Robert H. e et. al. O ecoturismo e o desenvolvimento da comunidade: a experiência de Belize. In: LINDBERG, Kreg. et. al. (Orgs.). *Ecoturismo: um guia para o planejamento e gestão*. São Paulo: SENAC, 2001.

MATTEUCCI, Magda B. E A. Ecoturismo em Goiás: teoria e prática. In: ALMEIDA, M<sup>a</sup> Geralda de. *Paradigmas do turismo*. Goiânia: Alternativa, 2003.

REJOWSKI, Mirian. & SOLHA, Karina T. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, Mirian. *Turismo no Percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

ROCHA, Samir A. Ecoturismo da academia ao mercado: estudo de caso sobre o Monte Crista, Garuva, SC. *IX ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL – ENTBL*. Curitiba, PR, 2004.

SILVA, Telma D. da. O ambiente e o turista: uma abordagem discursiva. In: SERRANO, Célia M. T. et. al. (Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. São Paulo: Papirus, 1997.

SILVA, Clarinda A. *PAISAGEM-campo de visibilidade e de significação sociocultural: Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e Vila de São Jorge*. 2003. 182 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) UFG, Goiânia, Goiás.

WESTERN, David. Definindo Ecoturismo. In: LINDBERG, Kreg. et. al. (Orgs.). *Ecoturismo: um guia para o planejamento e gestão*. São Paulo: SENAC, 2001.

#### **Sites de agências de viagens e turismo e outros consultados:**

BRASILTURISJORNAL: <http://www.brasilturisjournal.com.br/>

DRENA ECOTURISMO & AVENTURA: <http://www.drena.tur.br/>

ALTERNATIVAS ECOTURISMO: <http://www.altoparaíso.tur.br/>

WALKER PASSEIOS E TRILHAS: <http://www.walker.tur.br/>